

Ficção, biografia e cavalaria nas reconstruções escriturais llullianas (*Raimon o el seny fantàstic* de Lluís Racionero e *Vida de Ramón* de Luísa Costa Gomes)

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO
Universidade da Corunha
(Galiza) Espanha

Elecció ni caval ni armas ni senyoria encara no abasta la alta honor qui pertany a cavayler.

[Ramon Llull]

Qu'on ne dise pas que je n'ai rien dit de nouveau: la disposition des matières est nouvelle.

[Blaise Pascal]

Nas páginas que se seguem, pretende-se a análise e a ponderação de uma dupla atualização cavaleiresca da invulgar trajetória intelectual e vital do poliapto e interventivo sábio Ramon Llull (c. 1232/35-1315/16). O dúplice *aggiornamento* a que nos referimos é o realizado nas histórias romanceadas e/ou nos romances históricos de teor heterodoxo do reconhecido escritor catalão Lluís Racionero, em *Raimon o el seny fantàstic* (1985), e da excelente escritora portuguesa Luísa Costa Gomes, em *Vida de Ramón* (1991).

Para edificar os exercícios de escrita ficcional e de intenção histórica que representam, estes dois distintos e equilibrados textos de intenção biográfica partem, para além da própria obra do sábio maiorquino e entre outros muitos testemunhos da altura, da *Vita coetanea*, biografia anônima provavelmente ditada em 1311 – quatro anos antes da sua morte – pelo próprio ‘Doutor Iluminado’ aos Cartuxos de Vauvert.

Atente-se a que esta espécie de (auto)biografia autoral e parcial – no duplo sentido do termo –, que, com outras informações tiradas da sua ingente obra, é o ponto de partida da contraditória lenda llulliana, participa, portanto, da necessária e esperável caracterização ‘alterobiográfica’, pois ‘toda autobiografia é uma biografia-outra’ – o escritor sul-africano J. M. Coetzee *dixit*. Por outra parte, a respeito da altura em que foi escrita, deveria ter-se também presente a conhecida ideia de Evelyn Waugh de que ‘só quando se perdeu já toda curiosidade acerca do futuro é que alguém atinge a idade para escrever a sua autobiografia’.

Trata-se, pois, de examinar as pervivências e a reconstrução da cosmovisão cavaleiresca em escritas atuais centradas no mítico e mitificado autor catalão, na sua ativa e fantástica vida, no seu ingente labor místico-doutrinário e nos conturbados tempos interseculares em que uma e outro se inserem.

Pretende-se também contrastar as estratégias discursivas de que se servem os dois escritores atuais a respeito da apresentação desta desmedida figura medieval que, através, *inter alia*, da sua atitude de incessante viajante *ad venturam* e/ou *ad missionem* e, em especial, da influência e repercussão do seu *Llibre de l'Orde de Cavalleria* (c. 1279-1283), foi responsável, em parte, pelo estabelecimento, pervivência e sublimação dos parâmetros ideológicos e comportamentais dos cavaleiros e da cavalaria primigênia e, posteriormente, da ideal ficcionalizada.

Se Luísa Costa Gomes (Lisboa, 1954), formada em filosofia, é uma multifacetada narradora, dramaturgista, cronista, tradutora e libretista de inegável mérito, por sua vez, o controverso Lluís Racionero (Seu d'Urgell, 1940), que se tem definido como “racionalista platônico”, é um singular polígrafo e um heterodoxo intelectual de formação técnico-científica – economista, engenheiro industrial e urbanista – atraído pela mística, o orientalismo e as margens da cultura.

Destarte, as inclinações derivadas dos traços formativos das toscas radiografias anteriores são fáceis de perceber nos seus romances à volta do oracular filósofo e místico missionário. Os dois conhecidos e repetidamente reconhecidos escritores, embora de gerações, ambientes e concepções literárias e vitais distanciadas, são duas personalidades literárias *sui generis*, com uma vasta obra de referência na criação contemporânea das duas literaturas europeias em que necessariamente se inserem.

Grosso modo, poderíamos dizer que, por um lado, as duas obras se servem do entrecruzamento do vário modo biográfico e dos elementos constituintes da, na altura, incipiente moda do romance histórico-biográfico, nos parâmetros de uma intencional indeterminação genérica, também com aportações ensaísticas. No entanto, *cum granu salis*, deveríamos precisar que um e outros aparecem entrecruzados com diferente relevo nos dois romances: a *Vida de Ramón*¹ privilegia o discurso psicológico à volta da pessoa e biográfico ao redor da vida do filósofo e teólogo, enquanto *Raimon o el Seny Fantàstic*² prioriza a ficcionalização de uma sua história pessoal e coletiva, com que se facilita uma maior e mais explícita presença no romance da cavalaria e dos seus referentes.

Por outro lado, também poderíamos afirmar que, quanto à maneira biográfica – muito romanceada – que adotam, há uma *differentia specifica* entre a ficção catalã e a portuguesa: a primeira inclina-se para o modelo francês mais ‘literário’ e a segunda, para o anglo-saxão mais ‘científico’; isto é, a partir de distorcidos e míticos *idéaux soixantehuitards* e/ou berkeleyanos, o discurso de Lluís Racionero quer ser menos factual e hierarquizado, menos documental e menos informativo do que o pretendido pela discursividade criada por Luísa Costa Gomes.

Por indício e índice desta diferente perspectiva podem servir a presença, como apêndices, das “Notes i Variacions”, de teor erudito-explicativo e na procura de precisão, no romance catalão de 1985, e, já na obra portuguesa de 1991, a incorporação de nove iluminuras coloridas de fatos relevante da vida de Lull, tiradas do *Electorium Parvum Meum*, de uma versão portuguesa da *Vida Coetânea* realizada pela autora com um sentido contrastivo, de uma didática “Nota sobre o Sistema Lulliano” e, finalmente, de uma contextualizadora “Tábua Sincrônica”, de 1232 a 1316, com os ‘Fatos da vida’ de Lull, em paralelo com os mais relevantes na ‘História’ – entenda-se, do Ocidente –, na ‘Cultura’ e no ‘Oriente’.

Em todo o caso, como pano de fundo da figura ficcionalmente biografada, numa e noutra narrativa, estão os longes da mascarada época em que vive e do deplorável estado do mundo em que se move, à maneira do tópico do *florebat olim* no contexto do ‘mito do progresso’, com o lado explícito do *delenda est* presente e o lado implícito das louváveis ‘idades’ do passado epocal:

1 Citaremos a obra de Luísa Costa Gomes pela primeira edição das Publicações Dom Quixote (Lisboa, 1991), servindo-nos para a localização das citações das siglas VR, seguidas do(s) correspondente(s) número(s) de página(s).

2 Citaremos a obra de Lluís Racionero i Grau a partir do texto da segunda edição em livro de bolso das Edicions 62 (Barcelona, 1994), servindo-nos para a localização das citações das siglas RSF e, a seguir, do(s) correspondente(s) número(s) de página(s).

Aquí també se via, outra vez, confrontado com a impostura, a mascarada que era a sua época (VR, 118).

Aquella medecina universal que jo vaig sortir a trobar per a Ambròsia ha esdevingut l'Art General, el cranc d'Ambròsia s'ha fet per a mi gran com la humanitat. Com he de guarir-lo, qui m'ajudara? Arnau, Bonastruc, Mohidín, la confraria d'iniciats que vetllen el món recolzats en la saviesa què poden assolir? Què volen? ¿Com han deixat arribar el món fins en aquest estat mesquí, violent, ambiciós, envejós, tèrbol? ¿És que no poden fer res més? Doncs, ¿què he de fer jo, anant d'ací d'allà, convencent reis i papes, infidels i teòlegs, que em giren l'esquena i m'accepten només com una curiositat, bufó per fer passar l'estona? (RSF, 167).

Deve atentar-se, porém, a que, como afirmam explicitamente os respectivos criadores, os dois romances, no que diz respeito ao biográfico, partem de início da mesma fonte primária, a *Vita coetanea*, ainda que com resultados de maior ou menor consistência, pois a obra catalã utilizou de maneira muito mais significativa outras fontes complementares.

Com efeito, na nota explicativa que introduz a sua tradução para português da biografia – encontrada manuscrita por Thomas Le Myésier, ao reunir os textos de Llull para o *Electorium* (antologia comentada quinhentista do sistema do beato, elaborada poucos anos depois da morte do Mestre maiorquino para ser entregue à Rainha de França) –, Luísa Costa Gomes afirma o seguinte: “Mão anónima escreveu a *Vida Coetânea*, que permanece a fonte quase única para o conhecimento da biografia do Doutor Iluminado e, por consequência também desta *Vida de Ramón*” (VR, 213).

Por seu lado, na primeira das suas “Notes e Variacions”, Lluís Racionero indica o seguinte: “Per a la vida de Llull, la millor font és la *Vida Coetània* [...]. Dins de la obra del mateix Llull es troben referències autobiogràfiques o que poden assimilar-se a la seva vida [...]. De les dotzenes de biografies sobre Llull m'he servit de...” (RSF, 245).

Neste sentido, deve reparar-se, contudo, em que um e outro textos se alicerçam em diferentes e tendenciosas interpretações da figura e da obra visadas, segundo as diversas fontes secundárias de que partem de maneira desigual – também ao serem quantitativamente maiores as referências e estudos utilizados pela obra catalã, por muito que a sua (não) aparição se produza em difusa *demi-tente* e se deixe ler só nas entrelinhas.

É indubitável que as duas ficções em foco tiveram uma notória repercussão e uma não menor fortuna crítica³, assim como também resulta evidente que, para além dos seus inegáveis valores literários intrínsecos, uma parte não menor do seu relativo sucesso depende do fato de serem mais duas mostras do fascínio e da atração que sempre acompanharam – e continuam a acompanhar – a aproximação, o conhecimento e a difusão da invulgar figura e/ou da ímpar obra do autor do *Llibre d'Amic e Amat*.

Neste espaço universitário paulistano em que estamos a proferir estas reflexões, permitir-nos-ão um pequeno parêntese *ad hoc*, pois é de justiça que, como mais um exemplo (próximo) dessa capacidade magnética de sedução, mencionemos o interessante labor de estudo e difusão do llulliano – e também da cultura catalã – desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência *Raimundo Lúlio (Ramon Llull)*⁴, dirigido por Esteve Jaulent e, desde a sua fundação em 1998, sediado nesta cidade de São Paulo.

3 Até onde sabemos, *Raimon o el Seny Fantàstic* foi repetidamente reeditada, tanto na sua versão original catalã, depois da sua aparição em 1985 (Editorial Laia, Col. “El Mirall i el temps”, Barcelona), como na sua tradução para espanhol nesse mesmo ano (*Raimon, la Alquímia de la Locura*, Editorial Laia, Col. “Literatura”). No que diz respeito à *Vida de Ramón*, depois da sua aparição em 1991, foi rapidamente traduzida de português para catalão (*Vida de Ramon*, Edicions 62, 1992), holandês (*Het leven van Ramon*, Meulenhoff, 1993) e francês (*Vie de Ramón, le Docteur Illuminé*, Gallimard, 1995).

4 Quem tiver interesse, pode aceder a uma maior informação sobre esta instituição sem fins lucrativos no sítio <http://www.ramonllull.net>.

Item mais, deste labor pode ser paradigma, no contexto destas páginas, o fato de, no passado 2010, o Instituto ter reeditado – a primeira edição aparecera em 2000 – *O Livro da Ordem de Cavalaria*, apurada edição bilingue (catalão/português) do antes referido *Llibre de l'Orde de Cavalleria* do escritor maiorquino, realizada pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)⁵.

Deixando o sucinto desvio lateral e retomando a linha expositiva central, é fácil constatar a coincidência de os livros de Racionero e Gomes formarem parte da corrente literária que, na altura da sua publicação, pretendia amalgamar história, ficção e eticidade para, à maneira dos tradicionais *exempla*, tirar um saldo moral do distante passado com validade para o mais atual presente. Mas não é menos óbvio que, às diferenças já apontadas entre as duas ficções e a este respeito, haveria que acrescentar agora mais uma, de caráter não menos relevante: o escritor de Lleida, seguindo a *mot d'ordre* de Julien Green *ne pas juger*, expõe e narra de maneira transitiva mais do que interpreta e julga, ao passo que a escritora lisboeta, praticando o *exercice perpétuel du jugement* de Guillaume Metayer, explica e ajuíza de maneira intransitiva mais do que mostra e relata.

Por outro lado – que não por outra parte –, resulta interessante constatar que, na sua reescrita do cavaleiresco llulliano, Lluís Racionero se distancie da tradição ibérica de apropriação e deglutição da compósita matéria cavaleiresca mais influente e relevante na segunda metade dos anos 80. Referente de uma *aggiornata* cavalaria, fantasticamente acrônica⁶ e em irônica “demanda” do *genius loci*, constituída *in progress* a partir dos anos 50 e instituída, basicamente, pelo (neo)arturianismo galeguizado e humorístico, de que pode ser amostra *Merlin e Família* (1955) do inigualável escritor galego Álvaro Cunqueiro (1911-1981) e pelo (neo)bizantinismo catalanizado e fantástico, de que pode servir como exemplo o *Llibre de Cavalleries* (1957) do extraordinário polígrafo catalão Joan Perucho (1920-2003)⁷.

Neste sentido, Alva Martínez Teixeira, a respeito da “centralidad consensual” destas duas obras emblemáticas, destacando a sua “escritura absolutamente novedosa, por su ‘fantasía sin provecho’, y rupturista, por su discursividad alternativa, en relación al omnipotente dicterio, en ámbito ibérico, de la llamada novela social”, realiza com precisão as seguintes considerações:

No deja de ser especialmente significativo el hecho de que ambas narrativas se sirviesen de y se introdujesen en materias y/o modos ficcionales asentados en las respectivas tradiciones literario-culturales –el cultivo modélico de la vigorosa escritura caballeresca de otrora, en el caso catalán, y, en el gallego, el magma referencial de mítica impronta celtizante–, que así, en inequívoca continuidad cultural, dotaban a las dos obras de un cierto y difuso referente de tenor identitario.

[...]

En efecto, consideramos que la equilibrada y productiva construcción narrativa que, con una visión retrospectiva tanto como prospectiva coincidente en no pocas ocasiones, preside las ficciones de *Merlín e familia* y del *Llibre de cavalleries*, como novelas de formación *in fabula*, explica su progresivo crecimiento ante los lectores de cualquier condición y el hecho facilmente constatable de que, de manera progresiva, las dos novelas hayan

5 Poderíamos mencionar também, a respeito da continuidade do legado do pensamento llulliano, o *website* específico do Instituto que, seguindo a obsessiva ideia do filósofo originário da ilha de Maiorca, funciona como fórum sobre o etéreo tema do “Diálogo Inter-religioso”.

6 Acronismo que devém propositado anacronismo nas *Aventuras del Caballero Florestán del Palier* (1959), do excelente humorista galego Wenceslao Fernández Flórez (1885-1964).

7 Tradição (neo)cavaleiresca, aliás, a que os dois autores, como reação ao preponderante materialismo realista e engajado da época, contribuíram com outras obras antes e depois dos fulcrais anos 50. De entre todas elas, pelo fato anedótico de ter obtido em 1981 o prestigioso “Premi de novel·la Ramon Llull”, só citaremos o magnífico romance tardio de Joan Perucho *Les Aventures del Cavaller Kosmas* (1980).

adquirido una centralidad consensual, desde su excentricidad a partir del pequeño *succès d'estime* con el que vieron la luz y convivieron un cierto tiempo⁸.

Na realidade, achamos que o não aproveitamento das possibilidades literárias do processo de *décalage* temporal e espacial que lhe ofereciam estas obras ‘cavaleirescas-outras’ – no mínimo peculiar, por provir do autor do identitário romance *Cercamon* (1982), traduzido para espanhol dois anos depois com o significativo título de *El País que no Fue* – obedece, em primeiro lugar, à preferência autoral pelo alternativo e o heterodoxo, pela obsessão mística e a filiação ao sufismo, que acabam por secundarizar e converter em satélite qualquer outro aspecto a explorar em e/ou a partir da vida e da obra ramoniana. Em segundo lugar, esta via alternativa autoral, não epigonal, também deriva da intenção – e o logro – de Racionero de edificar um romance tentacular do múltiplo e multifacetado llulliano, em que o princípio da física moderna que enuncia a necessidade de estudar, além do próprio objeto, o que o rodeia, é aplicado pelo escritor, deixando à mostra – aliás, como em diverso grau também faz Luísa Costa Gomes – os contornos histórico-sociais dos reinos do oriente ibérico, mas também e especialmente dos países da *peregrinatio* cruzadística do protagonista no Mediterrâneo, na África do Norte e na Ásia Menor.

Se a condição de cavaleiro espiritual da personagem histórico-lendária gera grande parte do discurso narrativo destes dois romances históricos, o lugar de privilégio, na obra catalã, do esotérico e da viagem de missão é substituído, na *Vida de Ramon*, pela importância da psicologia e a intenção de evidenciar, na figura retratada e/ou recriada, a subordinação do pensamento lógico à intuição, opondo a estratégia retórica à potência reflexiva. Isto é, no lugar da plena clareza contraditória do *seny fantàstic*, Luísa Costa Gomes opta por iluminar as pérfidas reminiscências derivadas de uma ideologia de Cruzada aliada ao pensamento doutrinal, conceptualmente confuso, que sustém o método, a *Art* do iluminado e luminoso sábio.

De fato, na nossa modesta e arriscada opinião de distante leitor *de velho* dalguns dos escritos técnico-filosóficos llullianos – e apaixonado e curioso (re)leitor dos místico-literários –, o grande drama de Raimon foi o de pretender conseguir, com um processo permanente de maturação e com intuídos evangelizadores de missão, a incoerência de uma sua muito sugestiva *Arte* que, não podendo ser sintetizada nem sistematizada de maneira convincente, mudasse o sagrado irracional em acabada racionalidade, complementada pela vontade, pelo amor e pelo fervor para, neste campo do religioso, ultrapassar as limitações do racional.

De qualquer forma, deve ficar claro que, contra a todo poderosa escolástica, a sua confiança na razão como instrumento da fé – no seu contexto histórico-filosófico, fortemente marcada, mas não tão particular como poderia parecer – tem a sua base na visão neoplatônica, na analogia com o divino e no *substrat col·letiu dels llocs comuns* partilhados pelos pensadores das três religiões monoteístas, como de maneira esclarecedora indicara Robert Pring-Mill nos seus diversificados *Estudis sobre Ramon Llull*.

Neste nosso discurso, em que, com Tzvetan Todorov, o especialista da *critique de la critique*, assumimos que ‘interpretar consiste sempre em pôr em equivalência dois textos, os do autor – basicamente, a *Vita Coetanea* e o tratado cavaleiresco llulliano – e os do intérprete’ – a *Vida de Ramón* e *Raimon o el Seny Fantàstic* –, como ponto de partida lendário a respeito da criação literária empreendida nos dois romances⁹, parece conveniente insistir no caráter basilar da já referida ‘autobiografia’: quer desenvolvida dialogicamente por Luísa Costa Gomes, entre o intelecto e a obsessão, como uma *amplificatio* da pessoa e/ou do caráter e uma *reductio* dos contornos, quer selecionada distorcidamente por Lluís Racionero,

8 Cf. Alva Martínez Teixeira, “La Excéntrica Centralidad de las Materias Artúrica y Caballeresca en la Narrativa Gallega y Catalana de la Década de 1950 (*Merlín e Familia* de Cunqueiro y *Llibre de Cavalleries* de Perucho)”, pp. 264 e 273].

9 Contudo a *Vita*, num sentido complementar ao antes afirmado, tem diferente presença num e noutra romance, posto que, como base e fonte, em *Raimon o el Seny Fantàstic*, se dilui tanto que, afinal, não raramente se elude.

entre o discernimento fantástico e a magia, como uma *reductio* da caracterização e uma *amplificatio* do contextual.

Numa breve síntese e noutras palavras, afirmaríamos que, de maneira respectiva, a visão *partielle et partiale* da figura ramoniana supõe ora *un parti pris* por edificar a complexa figura llulliana do “cavaleiro de Deus”, do militante Doutor iluminado, fantástico e soberbamente cegado por estar “Louco do Amor Divino” e querer converter os infieis, ora a opção alternativa da construção de uma outra sua figura de “cavaleiro em *demanda*”, em princípio ultrapassado, desconcertado, inseguro, obscuro e alquimista por estar “Louco de Amor Humano” e procurar o remédio para o cancro de que padece a desejada e ambígua Ambròsia, para, a pouco e pouco, aquele que foi capaz de dizer em emblemático verso *vull morir en pèlag d’amor* ir entrando sem reservas nos espaços dos conhecimentos ocultos e dos aconteceres histórico-esotéricos da época.

O autor de mais de 260 obras em latim, árabe e catalão, depois da sua conversão aos trinta e um anos, da sua posterior formação nos nove seguintes e da conhecida *il luminació de Randa*, com inusual obstinação, projeta escrever “el millor llibre del món contra l’error dels infidels”, isto é, a *Art Lulliana* ditada e revelada por Deus, o método para encontrar a verdade, infalível na conversão do infiel com as *raons necessàries* para a exposição dos argumentos, embora tivesse também escrito que a fé havia de ser espalhada “ab fer e fust e ab ver argument”.

Esta obra ideal, da *Art Abreujada de Trobar Veritat* (1274) até a *Art Breu* (1308), vai sofrer contínuas tentativas simplificadoras. Este método para converter por ‘razões necessárias’ devirá a pouco e pouco a obsessão a que, com intuitos de maior difusão possível, obedeçam todas as suas restantes obras – também as literárias e, naturalmente, o *Llibre de l’Orde de Cavalleria*, redigido nos primeiros anos da segunda das etapas estabelecidas por Anthony Bonner para a sua obra, a denominada “etapa quaternária” (1274-1290)¹⁰.

Seguindo com a interpretação crítica todoroviana da dupla equivalência textual, dentro do possível e razoável entre textos de concepção tão dessemelhante, ponhamos agora em breve confronto o distante *Llibre cavaleiresco* e as duas modernas ficções históricas.

No tratado, Ramon Llull, em continuidade com o *mainstream* que se espera deste codificado gênero de obras – os *tractats de cavalleria* –, no período e no espaço sociocultural da sua redação, apresenta uma ordem de cavalaria, válida para o “cavaleiro espiritual” e para o “cavaleiro terrenal”, de ideais morais e pautas ideológicas heróicas e, em paralelo, não menos religiosas, como se pode ver no seguinte trecho:

Pela fé que existe nos cavaleiros bem acostumados, vão os cavaleiros à Terra Santa de Ultramar em peregrinação e fazem armas contra os inimigos da cruz, e são mártires quando morrem para exaltar a santa fé católica. E pela fé defendem os clérigos dos malvados homens que por fraqueza de fé os menos prezam, e os roubam, e os desertam quanto podem (*LOC*, VI.4)¹¹.

10 A denominação de “quaternária” tem a ver com o fato de, nesse período, os princípios básicos com que se estrutura a *Art* corresponderem a múltiplos de quatro, igual ao que acontece com a seguinte etapa, a “ternária” (1291-1308), que utiliza os conceitos em números múltiplos de três. A primeira e última, no entanto, são denominadas com relação à própria *Ars* como “etapa preart” (1271-1274) e “etapa postart” (1309-1316).

Para este e outros aspectos gerais, veja-se a obra *Ramon Llull. Vida, Pensament i Obra Literària* de Anthony Bonner e Lola Badia.

11 Com as siglas *LOC*, seguidas das referências numéricas da parte e do parágrafo correspondentes, citamos pela muito acessível versão para português realizada por Ricardo da Costa e revisada por Rui Vieira da Cunha e Esteve Jaulent – <http://www.ricardocosta.com/textos/livrocav.htm> –, que, aliás, se corresponde no substancial com a presente na antes referida publicação bilingue do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência *Raimundo Lúlio (Ramon Llull)*, também da responsabilidade deste professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Repare-se em que esta “religiosidade heróica” é a resultante da agregação de elementos substanciais das doutrinas das duas ordens mendicantes – o rigor e a rigidez dominicanas e a piedade e a renúncia franciscanas – que, além de também representar a continuidade da influência da Igreja e da doutrina teocrática de Inocêncio III, inserida nas lutas pelo *dominium mundi*, teria o seu lógico complemento num outro seu livro por volta da ordem de clerezia que anuncia, para justificar a brevidade com que, no final deste *llibre* que agora nos ocupa, fala da honra que deve ser feita aos cavaleiros.

Não obstante, numa perspectiva muito original e numa estratégia expositiva mais complexa, o literato de Palma também exhibe de maneira realista a duplicidade das possíveis ações dos cavaleiros: os comportamentos honrados e virtuosos, pessoal e socialmente benéficos, e os seus contrários, os desonestos e viciosos e/ou pecaminosos, individual e coletivamente perniciosos. Isto é, o autor *donne à voir* também o espaço de sombra do homem que, por muito que devenha cavaleiro “eleito e escolhido de cada mil” (*LOC*, I.2) e, portanto, ideal e exemplar, não pode fugir às limitações do, por dizê-lo em termos camonianos, “bicho da terra” que, afinal, continua a ser.

Não poucas vezes, a exposição dos óbvios “contrários” e das inconvenientes “contrariedades” com que se argumenta no *Llibre* é hipertrofiada em expressões subordinadas, bifurcadas, encadeadas e mecanizadas em lógica formal até a desejada conclusão. Como *exempla*, permitam-nos reproduzir só dois casos em que a “máquina de pensar” se põe ao serviço do doutrinamento e também da constatação da nua realidade cavaleiresca, no primeiro caso, e do conselho consensual, no segundo:

Se justiça e luxúria se convêm, cavalaria, que se convêm com justiça, se convêm com luxúria. E se cavalaria e luxúria se convêm, castidade, que é o contrário da luxúria, é contra a honra de cavalaria; e se isto é assim, seria verdade que cavaleiros quisessem honrar a cavalaria para manter a luxúria. E se justiça e luxúria são contrários, e cavalaria é para manter justiça, então cavaleiro luxurioso e cavalaria são contrários, e se o são, na cavalaria deveria ser esquivado mais fortemente o vício da luxúria, o que não é; e se fosse punido o vício da luxúria segundo deveria, de nenhuma ordem não seriam expulsos tantos homens como da ordem de cavalaria (*LOC*, II.33).

Assim como no meio está a medida da virtude e seu contrário está nos dois extremos, que são vício, assim cavalaria está na idade que convém ao cavaleiro, porque se não o fosse, seguir-se-ia que contrariedade haveria entre meio e cavalaria, e se houvesse, virtude e cavalaria seriam contrárias. E se o são, tu escudeiro, que demasiadamente demoras e tardas a ser cavaleiro, porque desejas entrar na ordem de cavalaria? (*LOC*, III.6).

Atente-se a que é este um especial “razoamento” que, com a subordinação, produz um simulacro de lógica discursiva, retomado às vezes por Racionero e Gomes como caracterizador, por característico, para a peculiar expressão em estilo direto de ideias teológico-filosóficas, com palavras postas na boca das duas versões da personagem romanesca.

Esta duplicidade do possível real, aliada ao caráter doutrinário, reformador e restaurador do *Llibre* a respeito dos depauperados ideais da cavalaria – ainda funcional, mas já em trânsito entre os restos das modalidades feudal, real e histórica, a presença decorativa da cortesã e as diversas e novas manifestações da literatura cavaleiresca –, como acontece no conjunto da obra, é também consequência de uma ideia central derivada do “princípio de realidade” que sempre acompanha o pensamento e a prática do poeta do *Cant de Ramon*: a da primazia para o ser humano da “primera intenció” – isto é, conhecer, amar e louvar a Deus – sobre a “segonda intenció” – isto é, a procura do próprio benefício e interesse que, quando predominante e neste caso concreto, já tinha levado à decadência do cavaleiro e da sociedade cavaleiresca.

Por outro lado, depois do característico *incipit* de advocação ao “Deus honrado, glorioso, que sois cumprimento de todos os bens, por vossa graça e vossa benção começa este livro que é da Ordem de Cavalaria” –que, de maneira circular, se encerra como “findo à glória e à benção de Nosso Senhor Deus”

(VII.9) –, o tratado inicia o primeiro apartado do seu prólogo com uma explicação analógica, um tanto esotérica¹², da sua estruturação em sete partes:

Por significação dos VII planetas, que são corpos celestiais e governam e ordenam os corpos terrenos, dividimos este *Livro de cavalaria* em VII partes, para demonstrar que os cavaleiros têm honra e senhorio sobre o povo para ordenar e defender.

A primeira parte é do começo de cavalaria; a segunda, do ofício de cavalaria; a terceira, do exame que convém que seja feito ao escudeiro com vontade de entrar na ordem de cavalaria; a quarta, da maneira segundo a qual deve ser armado o cavaleiro; a quinta, do que significam as armas do cavaleiro; a sexta é dos costumes que pertencem ao cavaleiro; a sétima, da honra que se convém ser feita ao cavaleiro (*LOC*, I.1)¹³.

Prolongada no caráter literário das doze subpartes do prólogo e o teor marcadamente simbólico-alegórico das dezenove da quinta parte, a disparidade de fundo do resto do breve tratado responde, por outro lado, a uma fundamental intenção letrada, doutrinal e didática¹⁴ de, secundarizando o exercício das armas, combate espiritual e intelectual, contemplado como uma dupla necessidade a que, aliás, a própria obra pretende utilitariamente responder:

Assim como os juristas e os médicos e os clérigos nas ciências e livros, ouvem a lição e aprendem seu ofício por doutrina de letras, é tão honrada e alta a ordem de cavalaria que [...] seria coisa conveniente que o homem da ordem de cavalaria fizesse escola, e que fosse ciência escrita em livros e que fosse arte ensinada, assim como são ensinadas as altas ciências (*LOC*, I.14).

Apesar de, na altura, vigorarem cada vez menos a tripartição tradicional da sociedade em *oratores*, *bellatores* e *laboratores*, que subjaz à ideologia lulliana, e os valores espirituais, éticos e de defesa da fé cristã, com que o seu discurso apologético pretende reconduzir a cavalaria, a influência do tratado catalão de Lull é paradoxalmente notória quer quando retomado em obras como o *Libro del Caballero y del Escudero* (1330) de Don Juan Manuel ou no inigualável *Tirant lo Blanch* (1490) de Joanot Martorell – o melhor livro do mundo para Cervantes –, quer quando traduzida para diversas línguas como parte da importante difusão quincentista e seiscentista em toda a Europa do pensamento do ‘Doutor Louco’, quer, enfim, pela sua capacidade reformadora de uma cavalaria reduzida a uns firmes valores

12 Pois, além da tendência do maiorquino para o uso de uma numerologia simbólica – de que pode ser exemplo o *Llibre de Contemplació en Déu* –, também não resulta assim tão anômala na concepção medieval, por vezes amalgamática e entrecruzada, do exotérico e do esotérico. Mencionemos, como um significativo exemplo, o caráter de eleito de A(l)fonso X, que no *Setenario* se apresenta como autor predestinado à escrita desta sua obra em prosa, pois, pelo simbolismo numérico, o seu nome tem sete letras e começa por “alfa” e finaliza com “omega”, princípio e fim do Cósmos (V.: Alfonso X, *Setenário*, p. 7). Tenha-se presente que uma tal consideração afonsina se baseia no fato de as letras, sons e palavras constituírem, para a visão do mundo dos antigos e dos medievais, os elementos da criação, além de as letras (gregas e hebraicas) também usufruírem dos valores sagrados e simbólicos de significação especialmente bíblica e cabalística.

13 No decorrer do texto catalão, cada uma destas sete partes aparecem assim intituladas: “I. Del Come[n]çament de Cavayllaria”; “II. De l’Ofici qui Pertany a Cavayler”; “III. De Examinar Scuder qui Vol Entrar en l’Orde de Cavayllaria”; “IV. De la Manera segons la Qual Scuder Deu Reebre Cavayllaria”; “V. De la Significança qui És en els Armas de Cavayler”; “VI. De les Costumes qui s Pertanyen a Cavaller”; “VII. De la Honor que Deu Ésser Feta a Cavaller”.

14 Didatismo e aplicabilidade formativa para os aspirantes a cavaleiros que se podem deduzir facilmente da estratégia justificativa do livro e de esclarecedores trechos como o da subparte décima do prólogo, em que o autor diz que “o cavaleiro entregou o livro ao escudeiro; e quando o escudeiro acabou de o ler, entendeu...”, ou, por só citar um exemplo complementar, quando a páginas tantas afirma: “Muitas maneiras são porque cavaleiro pode e deve usar do ofício de cavalaria, e como nós temos de tratar de outras coisas, por isso nós passamos o mais abreviadamente possível, e mormente como o fizemos a pedido de um cortês escudeiro, leal, verdadeiro, que por longo tempo tem seguido a regra de cavaleiro, temos feito este livro abreviadamente, porque em breve tempo deve ser armado novo cavaleiro” (*LOC*, II.36).

linhagístico-nobiliárquicos, periclitados para uma burguesia em ascensão; cavalaria que, já a ser sublimada no espaço do literário, começa a perder-se.

No entanto, valores linhagísticos e de sangue em que, sem dúvida, Llull acredita, defende-os de maneira explícita e inequívoca:

Linhagem e cavalaria se convêm e concordam, porque linhagem não é mais que continuada honra anciã, e cavalaria é ordem e regra que se mantém desde o começo dos tempos em que foi iniciada, que adentrou até os tempos em que estamos. Logo porque linhagem e cavalaria se convêm, se fazes cavaleiro homem que não seja de linhagem, tu fazes ser contrário linhagem e cavalaria naquilo que fazes; e por isso, aquele que faz cavaleiro é contra linhagem e cavalaria, e se o é cavaleiro, que é isso em que está a cavalaria? (*LOC*, III.8).

Se bem que tanto o espírito quanto o desenho da ordem de cavalaria, que sucintamente radiografamos, assoma por trás do Raimon “arrauxat cavaller” (*RSF*, 9) e do “ardit cavaller que ha fet llarg camí per mar i terra per guarir la dona estimada” (*RSF*, 39) de Lluís Racionero, ou alicerça o Ramón-Raimundo¹⁵ “cavaleiro de palácio” e “cavaleiro que defende a honra de Deus” (*VR*, 47 e 73) de Gomes, a comum atitude de vivisseccionistas das razões e não da razão – quer dos seres (Gomes), quer dos tempos (Racionero) – faz com que se perceba mais na parte factual e menos na parte reflexiva e analítica que as duas biografias ficcionais misturam.

Mas, olho! Não há dúvida de que estas biografias, sendo diferentes, se assemelham quanto à reconstrução da vida por ter muito pouco de “bio” e muito de “grafia” literária e lendária, ou, por outras palavras, por apresentar, com plena consciência, o comum protagonista como personagem da sua própria obra e lenda, transitando, para expressá-lo em indagatórios termos cavaleirescos cervantinos, entre o “yo sé quién soy” do Quixote original e o “yo quienquiera que sea” do apócrifo Quixote de Avellaneda.

Desta maneira, no caso da *Vida de Ramón*, elabora-se um duplo discurso reconstrutivo e julgador, para narrar-nos a história do fracasso da sua indomável vontade, em equilibrado amálgama indistinto de vida e obra: “personagem da sua obra, em que se fora tornando, mistura do inevitável eremita que povoa a maioria dos seus livros, místico jogral, mais louco do que doutor, mais doutor que mártir, mais cavaleiro de Deus que tudo o resto, Ramón é vida e obra num só” (*VR*, 120).

Já no caso de *Raimon o el Seny Fantàstic*, este conglomerado parte da hipertrofia da inegável influência na obra de Llull do hebraico-cabalístico e do islâmico-sufi. Destarte, o que, recolhendo a lenda de “Raimon lo foll” se ter convertido em alquimista por amor, começa por ser a procura de “un remei d’alquimia” (*RSF*, 15), do *opus nigrum* da arte hermética, devém desejo de auto-conhecimento e averiguação contemplativa do amor dos sufis ou da ciência cabalística: “a poc a poc, en allunyar-se de ca seva, havia sentit com el cranc d’Ambròsia s’esborrava i era ell mateix el focus de la seva pròpia recerca” (*RSF*, 41).

É assim que, nestas duas mostras escriturais da interioridade daquilo que constrói Llull como humano, se parte da anterioridade literário-lendária em detrimento, no caso da obra de Racionero, da necessária *durée* psicológica para a caracterização suficiente da personagem e, no caso do romance de Gomes, considerando que a verdade é uma soma improvável de pontos de vista, privilegiando o exame caracterológico como homem “construído de várias partes” e a resposta à pergunta “quem será ele?” (*VR*, 47)

Estes pressupostos e estratégias não devem necessariamente ser entendidos como méritos e/ou deméritos dos resultados ficcionais, pois achamos que os dois autores, fascinados pela figura llulliana,

15 De maneira peculiar, Luísa Costa Gomes utiliza indistintamente no decurso de todo o romance, em lugar do nome catalão antigo (Ramon) ou moderno (Raimon) do autor de *Desconhort*, as denominações castelhanizadas de Ramón ou Raimundo, com uma distribuição descontínua e talvez aleatória para a qual não encontramos explicação, nem hipótese convincente.

pretendem retratá-la em paradoxal claro-escuro: o Llull místico de Racionero instalado no espaço de sombra provocado pela gnóstica ‘luz obscura’ e pelo alquímico ‘sol negro’ de que se serve; o arrogante Llull de Gomes movendo-se nos imprecisos limites da lenda e da dúvida.

Por um lado, no discurso da *Vida de Ramón* são contínuas as expressões dubitativas e contrastivas como “a lenda conta...”, “ou poderá ter sido que...”, “ou talvez...” (VR, 42); “a lenda sempre moralizante...” (VR, 48). De fato, só no final do romance é que a onipotente e interventiva narradora pretende fixar uma sua imagem de Llull – “Leitor, chegou o momento de conhecer Raimundo Lulo. Não só porque estamos quase à data da sua morte, mas porque veremos levantar-se do sepulcro o que dele resta: pó e osso duro” (VR, 179) –, inclinando-se, na sequência daquilo que antes só pontualmente realizara, por descrevê-lo de maneira contundentemente denigratória: “o tom de arrogância eloquente que o Reverendo Mestre tomara” (VR, 158); “a arrogância sob a capa da sabedoria” (VR, 159); “Ramón seria, em linguagem vulgar, um gordo bem-disposto e comunicativo, com tendência para alternar os termos de mania com os momentos de melancolia [...], gordo emagrecido, pequeno e resilente” (VR, 180) etcétera.

Por outro lado, com maior ou menor relevo e ultrapassando a veracidade histórico-cronológica com hipóteses (im)possíveis de valor emblemático, na leitura do romance de Lluís Racionero e em equilibrada e funcional amálgama narrativo, assistimos à presença da espada Durandal cravada na roca como Excalibur, do rei Artur ou do Santo Graal, dos cavaleiros Templários e do seu Grão-Mestre Jacques de Molay, da seita dos Assassinos, dos profetas do Anticristo, do Velho da Montanha, do místico soberano cristão de Oriente conhecido como Preste João, de Xanadu, de Marco Polo, de Dante, do taoísmo, dos cátaros e da Ambrósia de Castelló cátara, dos manuscritos gnósticos de Evangelhos proscritos, do cartógrafo maiorquino Jafuda Cresques etcétera. A estas não poucas *décalages* e simplificações *ad hoc* de motivos, espaços e tempos, haveria também que acrescentar, dada a sua relevância na obra no quadro da tolerância entre as três religiões, a presença dos três sábios que acompanham a figura do Raimundi Lullii Maioricani: o heterodoxo cristão Arnau de Vilanova, o místico judeu Bonastruc Nahmánides e, anacronicamente, o muçulmano sufi Mohidin ibn Arabí.

Mas, afinal, se para Spinoza “a ignorância não era um argumento”, como supri-la para saber quem foi Llull e como foi a sua época? Como ficcionalizar, sem a trair, a aventura vital, intelectual e espiritual do maiorquino? Como salvar as distâncias e ultrapassar a impossibilidade de tirar um seu retrato do natural?

Os nossos dois romances são duas diferentes e bem sucedidas tentativas de gerar novas perguntas problemáticas – aquelas que é necessário fazer – mais do que decifrar possíveis respostas para as anteriores questões, pois pressupõem o ficcional, o biográfico e o cavaleiresco como instrumentos para a (re)interpretação e o (re)conhecimento literários das névoas llullianas de antanho, para a viagem e a incorporação revivida, pensada e sentida dos séculos recuados neles (os autores) e em nós (os leitores).

Com um diálogo intertextual entre autores, escrituras e tempos, mas sem perder de vista o referente basilar da persistência da omnimoda mundivisão cavaleiresca, para que contribuiu o próprio Llull ao codificá-la no *Llibre de l’Orde de Cavalleria*, e uma atenção especial ao material (auto)biográfico da *Vita coetanea*, nestas páginas tratamos de explicar – no sentido etimológico de *ex plicare*, de ir tirando as pregas – a dupla e diversa ficcionalização do biográfico llulliano e a feliz recuperação de um certo e fascinante passado em parâmetros literário-escriturais e no âmbito contemporâneo das literaturas ibéricas catalã e portuguesa, através das excelentes reconstruções literárias de Lluís Racionero e Luísa Costa Gomes.

In fine, com a disposição de um intruso e a atitude de um observador, redigimos estas páginas não para dizer o que se pensa ou pensamos, mas *tout court* para pensar; elaboramo-las à maneira de inconsistente mapa do tesouro ou de insegura guia de viagem para, sempre que possível, a interpretação da escritura e a compreensão da vida do fascinante e lendário Raimon Llull, também e muito especialmente escritas como talvez inecessária *marginalia*, sem muitas esperanças, facilitar uma sólida leitura assistida dos dois magníficos romances em foco.

Leitura, aliás, indispensável, porque nas duas ficções adquire todo o seu significado o “Lembrete”, do poemário *Corpo* (1984), do ímpar Carlos Drummond de Andrade:

Se procurar bem, você acaba encontrando
 não a explicação (duvidosa) da vida,
 mas a poesia (inexplicável) da vida.

Pois é.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

ALFONSO X. *Setenario*. Edición e introducción de Kenneth H. Vanderford [Buenos Aires, 1945]. Estudio preliminar de Rafael Lapesa. Barcelona, Crítica, 1984.

BONNER, Anthony & BADIA, Lola. *Ramon Llull. Vida, Pensament i Obra Literària*. Barcelona, Empúries, 1988.

GOMES, Luísa Costa. *Vida de Ramón*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991.

LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria (c. 1279-1283)*. Edição bilingue (catalão/português). Tradução, apresentação e notas de Ricardo da Costa. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull), 2010 [2ª ed.].

MARTÍNEZ TEIXEIRO, Alva. “La Excéntrica Centralidad de las Materias Artúrica y Caballeresca en la Narrativa Gallega y Catalana de la Década de 1950 (*Merlín e familia* de Cunqueiro y *Llibre de cavalleries* de Perucho)” – *Letras (Revista de la Facultad de Filosofía y Letras de la Pontificia Universidad Católica Argentina Santa María de los Buenos Aires)*, 59-60, 2009, pp. 263-274.

PRING-MILL, Robert. *Estudis sobre Ramon Llull*. Barcelona, Curial i PAM, 1991.

RACIONERO I GRAU, Lluís. *Raimon o el Seny Fantàstic*. Barcelona, Edicions 62, 1994. (Col. “El Cangur”, 136).

RESUMO: Este trabalho analisa a diversificada atualização cavaleiresca da trajetória intelectual e vital do sábio Ramon Llull nos romances *Raimon o el Seny Fantàstic* (1985) do catalão Lluís Racionero e *Vida de Ramón* (1991) da portuguesa Luísa Costa Gomes. Estas duas construções biográfico-ficcionais servem-se de uma intencional indeterminação genérica e de diversas estratégias discursivas para a apresentação e a interpretação da desmediada obra e da fascinate figura deste beato maiorquino medieval, em parte responsável, através do seu *Llibre de l’Orde de Cavalleria*, pelo estabelecimento dos parâmetros ideológicos e comportamentais da cavalaria.

Palavras-chave: livros de cavalarias – Raimon Llull – ficção híbrida – Luísa Costa Gomes – Lluís Racionero.

ABSTRACT: This paper studies the varied chivalresque updating of Ramon Llull professional career and life experience in the novels *Raimon o el Seny Fantàstic* (1985) by the Catalan writer Lluís Racionero and *Vida de Ramón* (1991) by the Portuguese author Luísa Costa Gomes. Genre uncertainty and a range of discursive strategies characterise these two works with both biographic and fictional features. These are the mechanisms employed to present and interpret the vast work and fascinating figure of this medieval blessed man from Majorca who, after the publication of *Llibre de l’Orde de Cavalleria*, was considered to be partly responsible for the establishment of the ideological patterns and rules of behaviour typical of chivalresque literature.

Key-words: chivalric fiction – Raimon Llull – Hybrid fiction – Luísa Costa Gomes – Lluís Racionero.